

investimento credibilidade é o melhor



CARTA MENSAL

Outubro de 2021

Carta Mensal Out21 | Brasil: Um gigante adoecido sem alta médica!

Fazendo uso de um comparativo figurado, conforme sugere o título desta carta, fico sempre aqui pensando o quanto nosso querido Brasil padece para conseguir “respirar sem ajuda de aparelhos”! Estamos sempre sob a batuta do próximo “intensivista de plantão”. E cabe, antes de mais nada, dizer que um tom apocalíptico nem de longe é a ideia desta introdução e desta carta! Ser um tanto realista, sim. Sabemos há tempos que somos um país “enfermo”, mas abençoado por Deus e bonito por natureza, e com uma baita capacidade de sobrevivência. Porém, quando parece que o tratamento iniciado pode ser eficiente e eficaz, ele se mostra paliativo. E quando a recuperação do “paciente” Brasil começa a ter ares de consistência, surgem alguns reveses... e a alta médica é postergada mais uma vez. Áspera rotina brasileira! Se retroagirmos nossas memórias em no mínimo 20 anos, e compararmos os momentos distintos do país àquela altura com o atual, será fácil constatar o que vos falo. A questão é que hoje, para “ajudar”, temos na fila “enfermidades” como PEC de Precatórios, Regras Fiscais, Teto de Gastos, Pandemia, Auxílio Emergencial... só para citar alguns, que se somam a tantas outras dores recorrentes e que já conhecemos bem, que nem carece aqui descrevê-las. Pergunto-lhes: O que fazer então? Ser ainda mais otimista, persistir, confiar, acreditar, e cada um de nós continuar fazendo nosso melhor. Indo além, fico com a frase proferida um dia pelo escritor e professor de origem portuguesa, Vergílio Ferreira: “Quanto mais séria é uma enfermidade, maior tem que ser a esperança para preencher o que nos falta”. Fica a dica!

Vamos assim aos principais fatos ocorridos ao longo do mês. No Brasil, como de costume, tivemos “enfermidades” suficientes para “provocar reações anafiláticas” das mais variadas! E algumas dessas, já mencionadas na introdução acima, não poderíamos deixar de comentar. Respirem fundo e vamos lá...

O nosso bate papo começa mais uma vez por “ela”, a “marvada” inflação, sentida e confirmada aqui em solo tupiniquim e nas principais economias globais. É notório e facilmente sentida em dias atuais o chamado “custo Brasil”. O bolso do brasileiro encontra-se em uma “inestancável hemorragia”. Assim, e indo aos fatos, no início do referido mês tivemos novos dados publicados, onde projeções já indicavam que o comportamento da inflação continuava em ritmo ascendente e acelerado, evidenciando o que poderia ser a 26ª semana consecutiva de alta. E não para menos, em dados divulgados em 08 de outubro confirmou-se o que muitos já esperavam: A inflação de setembro foi a maior para um mesmo mês desde 1994, ou seja, em 27 anos. O salto verificado de 1,16% do IPCA no mês passado fez o índice inflacionário atingir a casa de dois dígitos e acumular alta de 10,25% nos últimos 12 meses, segundo o IBGE. Para se ter uma ideia, o acumulado é quase o “triplo” da meta inflacionária estabelecida pelo governo de 3,75% para esse ano. Uma alta guiada pelo aumento de 6,5% nas contas de luz em setembro, que já acumula alta de 28,82% em 12 meses. Melhor nem falarmos de gasolina e gás de cozinha. Esse último item sozinho, já acumula 34,67% de alta no mesmo período! O outro item, só neste ano aumentou 39,6%. Mas façam de conta (se possível for ...) que não falei nada, pois não quero causar “dores crônicas” em ninguém!

E neste contexto, vamos à uma das falas do Presidente do Banco Central do Brasil, Sr. Roberto de Campos Neto, proferidas em suas rotineiras aparições: “O pico da inflação deve ter sido setembro e nos últimos meses do ano, deve arrefecer”. Assim esperamos Presidente! Para 2022, já se antecipou dizendo que “a inflação deve convergir para 8,2% ou próximo disso”. Sinceramente, espero que suas orações para São Pedro e outros santos estejam em dia! E como consequência inevitável diante de todo essa “pesada enxaqueca”, o COPOM (Comitê de Política Monetária) elevou a taxa de referência da SELIC para 7,75% a.a., uma alta de 1,5% em relação à anterior, sendo a maior alta nominal verificada em quase duas décadas. E mais que isso, pelo visto mais uma alta de 1,5% na reunião de dezembro já ficou “sinalizada”, colocando a economia com viés contracionista nos próximos anos.

E se acham que as “dores abdominais” estão só no item central do parágrafo acima, se enganam! Melhor já irem se auto remediando com doses cavalares de algum antiácido ou algo do gênero. Are you ready? As “dores da vez” atendem pelos seguintes nomes: i) PEC dos Precatórios, ii) Teto de Gastos e Piora Fiscal e por fim... iii) Auxílio Emergencial. Tudo junto e misturado, como dizem os jovens de hoje.

E indo direto aos tais pontos, a PEC dos Precatórios vem fazendo com que a “pressão arterial” de membros do governo suba consideravelmente. Encontrar a “fórmula” adequada para fazer jus e cumprir com os referidos pagamentos em 2022 sem esbarrar em problemas de ordem de responsabilidade fiscal não tem sido tarefa das mais fáceis. E tem exigido da equipe econômica (e política...) “doses e mais doses” de boas conversas com líderes



de diversos partidos em Brasília. Fato é que o desfecho ainda não é certo e se estenderá certamente para novembro, corrente mês.

O ponto comentado acima “bate de frente” com a importante questão do Teto de Gastos e corrobora, a priori, para uma visão de piora fiscal do país, criando um “entupimento de várias artérias”, sob vários prismas. Facultando inclusive interpretações das mais variadas pelo mercado, por investidores etc... e pode colocar em “xeque” a credibilidade fiscal do país. Os efeitos colaterais tendem a piorar e contribuir para uma combinação mais indigesta ainda, considerando ainda o delicado momento que atravessamos, de inflação galopante e aumentos consecutivos de taxas de juros, o que naturalmente freia os ímpetus para uma retomada econômica mais célere. E mais que isso. Se a PEC pode, por um lado, trazer alívio momentâneo aos membros do governo federal, por outro abrirá indubitavelmente mais pressão sobre o câmbio e, por consequência, nas expectativas de inflação.

É como melhorar da “dor de ouvido e começar a ter dor de dente”, se é que me entendem! Isso tudo para tentar encontrar uma forma de abrir espaço fiscal superior a R\$ 80 bilhões para pagamento de dívidas judiciais do governo. É “dor de cabeça” para mais de metro!

E discussões como essa cada vez mais tomam um tempo que poderia ser utilizado para tratar das reformas que o país tanto necessita. E as pautas do governo, que tratam de reformas tributária e administrativa, privatizações, redução do tamanho do estado, entre tantas prioritárias, vão caindo no esquecimento. E seguramente, 2022 não se mostra como sendo o ano mais propício para “tratar” destes assuntos. Parece que “cortar na própria carne” não é a intenção de muitos que habitam em Brasília. Confesso que uma frase de Confúcio¹ cairia bem em outdoors nas cercanias da Capital Federal: “Quando vires um homem bom, tente imitá-lo; quando vires um homem mau, examina-te a ti”.

E para finalizarmos as “dores da vez”, temos o Auxílio Emergencial ou Auxílio Brasil doravante, como queiram. Assunto esse que também tem total conexão com o discorrido no parágrafo anterior. Embora haja divergências em várias frentes, com multi interpretações por todos os lados, a verdade é que a situação reside na expressão popular do “cobertor curto” que conhecemos bem. Ou seja, “estivesse você na pele do governo” iria por qual

Como podemos ver, “dores e dissabores” não faltam pelos lados do Planalto. “Médicos de plantão” até existem, mas diagnosticar e tratar eficazmente todas as “patologias brasílicas” tem se tornado tarefa árdua há tempos. E como sempre diz um amigo meu: “Ter pedra nos rins as vezes é melhor”. Claro que em tom irônico para comparar situações aleatórias e cômicas (se não fossem trágicas...).

E diante do “prontuário Brasil” comentado até aqui, nada melhor do que citarmos também alguns dados positivos e que ajudam em nossa “oxigenação pulmonar” e que muitas vezes precisam ser comemorados, ainda que estejam longe do ideal, tais como:

- 1) CAGED: O país gerou em setembro 313,4 mil novos postos de trabalho; no acumulado do ano o saldo é positivo em 2,5 milhões de novos empregos formais, segundo o Ministério do Trabalho e Previdência;
- 2) Superavit Primário: As contas do governo fecharam no azul em setembro R\$ 303 milhões, o maior para o mesmo mês desde meados de 2012;
- 3) Banco Mundial: Estimativas do referido órgão se apresentaram mais otimistas do que a média de mercado relação ao crescimento do Brasil em 2021, e se situam em um crescimento de 5,3% do PIB;
- 4) Agronegócios: Exportações do Agronegócio foram recorde no mês, batendo a casa de US\$ 10 bilhões; Destaque para o complexo soja e carnes responsáveis por quase 20% deste resultado;
- 5) Pandemia: O Brasil registrou a menor média móvel de mortes desde o início da pandemia, com a vacinação sendo ampliada e mostrando resultados efetivos.

¹ **Confúcio:** Famoso filósofo e pensador chinês, que viveu entre 552 e 479 a.C.; A sua filosofia sublinhava uma moralidade pessoal e governamental, além dos procedimentos corretos nas relações sociais, justiça e sinceridade



Virando o rumo da conversa, permitam-me uma rápida “palhinha” sobre o mercado de capitais brasileiro. O volume acumulado de captação até setembro monta R\$ 405 bilhões entre ativos de Renda Fixa, Renda Variável e outros, conforme dados divulgados pela ANBIMA - Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais. Apenas no mercado de Renda Fixa, as captações foram da ordem de R\$ 34,1 bilhões, enquanto observou-se a captação líquida de R\$ 11,7 bilhões em fundos de Crédito Privado. Sinal de que incertezas vividas e alta de juros continuaram a elevar os investimentos em fundos com esse perfil de risco.

E para finalizarmos o ambiente doméstico, a Câmara aprovou valor fixo para cobrança do ICMS para combustíveis, trazendo assim expectativas de redução no preço final para o consumidor da ordem de 8%. Um “remédio” a mais para combater a inflação? A ver. E por falar em combustíveis, no apagar das luzes do mês de outubro, “burburinhos” foram ouvidos sobre a possível privatização da Petrobrás. Mas, como sabemos, o assunto é de uma complexidade proporcional ao tamanho da estatal petrolífera, e melhor nem “meter a mão” nesta cumbuca por ora.

No cenário externo, o assunto inflação, como adiantamos, também é a “bola da vez”. Dados divulgados no início do mês no EUA pode ter sido o gatilho para início do aperto monetário, o que compreende à elevação dos juros locais e início da retirada parcial dos estímulos, que até então compreendiam a compras mensais de ativo da ordem de US\$ 120 bilhões. Os preços verificados por lá seguem trajetória de alta e pressionando o índice. Em setembro, a inflação voltou a subir em torno de 0,4% em relação a agosto, e já acumula alta de 5,4% em 12 meses, segundo dados do CPI (Índice de Preços do Consumo) divulgado pelo Departamento do Trabalho, impactado principalmente por alta em itens como alimentação e moradia.

Sem dúvida que esse cenário amplia as incertezas nos mercados locais e traz consigo preocupações com um cenário inflacionário mais duradouro que o imaginado inicialmente pelas autoridades monetárias locais.

Parece que de transitório não há nada no comportamento da inflação em terras americanas. Sem contar ainda que, o barril do petróleo do tipo Brent gravitando acima da casa dos US\$ 80/barril traz consigo e por si só, mais pressão inflacionária.

Diante deste cenário, o FED (Banco Central Americano) e seus principais dirigentes já avaliam a possibilidade começar a escalada dos juros, ao passo que continuarão monitorando a evolução na oferta de novos empregos. E sobre esse item, os pedidos de auxílio desemprego ficaram praticamente em linha com as expectativas locais, pouco abaixo de 300 mil. Pois é, um certo “gosto de fel” anda presente no paladar dos americanos, já que os dados da maior economia do planeta não estão dando sinais de crescimento econômico na velocidade esperada. Tanto que o PIB desapontou no 3º trimestre, ficando positivo em 2%, ante expectativas mínimas de 2,7% na comparação trimestral em termos anualizados, conforme previsão inicial de economistas locais. Em trecho da ata do FED, citam que “em 2022 a economia deve crescer mais lentamente, mas em ritmo mais sólido, apoiado pela contínua reabertura da economia e maior flexibilização das restrições de ofertas”. Aguardemos o resultado da “prescrição” e seus efeitos!

Em paralelo a tudo isso, a secretária do Tesouro dos EUA, Mrs. Janet Yellen, afirmou em uma de suas aparições, ser “absolutamente essencial” que o Congresso americano eleve o limite da dívida federal. Dito isso, em 12 de outubro a Câmara aprovou o aumento da dívida, evitando assim aquele que seria o primeiro calote americano. Agora, Mr. Joe Biden tem “uma dose a mais” de tempo para ajustar as coisas. É... quem diria! Lá como cá, as preocupações atendem quase pelo mesmo nome, mas cada um com os seus “pobremas”, né não?!

Atravessando o oceano atlântico e chegando na Europa, o ambiente por lá também é de preocupações com inflação. Me perdoem a redundância no tema, mas a preocupação com a referida se espalha pelo mundo e o velho continente não está isento. Pesa ainda o fato de os preços de energia continuarem bem pressionados, preocupando os principais líderes econômicos da região. E só para constar, com o inverno europeu se aproximando, a tendência é mais “arroxó”, já que o consumo naturalmente se eleva nestas épocas do ano. Banho só frio e olha lá!

Aí... uma questão me veio à cabeça neste exato momento: Será que a zona do Euro sairá na frente das demais economias globais, e encontrará uma equação perfeita de “atividade forte e inflação controlada em 2022”?



Vamos a alguns dos fatos e tirem suas conclusões:

Começamos falando da região do Euro, que é composta por 28 países-membros. O PMI local ainda se manteve acima dos 50 pontos, mais precisamente em 54,3 pontos, ainda indicando movimento de expansão. Em relação ao PIB, esse cresceu 2,2% no 3º trimestre do ano, segundo dados divulgados pela agência Eurostat. Quando comparado anualmente, o PIB do bloco expandiu ao redor de 3,7%. São dados importantes que remetem e sustentam a retomada gradual da economia da região. Em relação à inflação, o índice atingiu o pico de 4,1% em outubro, um acréscimo de 2,1% acima da meta do BCE-Banco Central Europeu. E diante deste contexto, a presidente do referido órgão, a elegantíssima Mrs. Christine Lagarde, já vem “acenando” que a alta dos juros será quase inevitável. Será? Em uma de suas rotineiras entrevistas, parece não estar conseguindo convencer o mercado de que aumento de taxas de juros ficará para 2022. Esse mesmo mercado, tomando por base as evidências de dados inflacionários divulgados, acredita tratar de um “possível blefe” as falas mais brandas do que o esperado. No ponto de vista dele (mercado), a “presidente do BCE” ainda continua centrada no discurso de arrefecimento da inflação em 2022. Contudo, uma maior precificação futura em alguns ativos e mercado de títulos europeus já vem acontecendo.

Na Alemanha, a maior economia da região, o PMI Composto que engloba a produção em setores industriais e de serviços, caiu de 55,2 em setembro para 52 em outubro, caindo ao menor patamar nos últimos 8 meses. Em que pese a queda, PMI's acima de 50 pontos ainda indicam uma economia em expansão, porém indicando estar em ritmo mais lento. Pesou na composição dos números a queda mais acentuada verificada no setor de serviços, de 56,2 para 52,4 pontos. Em relação aos dados de PIB do 3º trimestre, uma “leve decepção” em relação ao trimestre anterior. Dados divulgados no último dia do mês indicaram crescimento de 1,8%, ante 1,9% anteriormente. Considerando ainda ajustes sazonais, e ainda os problemas nas cadeias de abastecimentos, fará com que a inflação ainda pese sobre os consumidores locais, fazendo com que a economia ainda caminhe em passos mais lentos.

No país da Torre Eiffel, notícias e bons ventos vem começando a soprar por lá. A economia francesa retomou o crescimento, e vem mantendo a pandemia controlada. O PIB local atingiu crescimento de 3% no 3º trimestre do ano, surpreendendo positivamente as autoridades monetárias. É tido como o maior crescimento dos últimos 50 anos para o período analisado. E um dado ainda “bem curioso” a comentar: existem em torno de 400 mil vagas formais de trabalho não preenchidas, e que não encontram interessados. E as vagas vão de garçom a cozinheiro, passando por médicos, enfermeiros e profissionais de TI. Um cenário inimaginável meses atrás!

Na “terra da Rainha”, o Reino Unido, o PMI de serviços bateu a casa dos 59,1 pontos em outubro após ajustes e revisões feitas, ante 55,4 pontos em setembro, conforme dados de pesquisas do IHS Markit. Menores restrições em viagens internacionais, maior mobilidade doméstica, estão entre os principais fatores positivos que tem feito a economia local se expandir mais rapidamente.

E só para dizer que não falamos dela, a China, deixamos aqui resumidamente alguns acontecimentos do mês, a saber:

- 1) Mercado segue temendo menor crescimento da economia, corroborado pela manipulação forçada em preços de algumas commodities, em especial minério de ferro;
- 2) PIB desacelerou e cresceu “apenas” 4,9% no 3º trimestre, ante alta de 7,9% no segundo;
- 3) O Governo chinês, em meio à crise energética, propõe aumento na produção de carvão, para evitar novos “apagões”;
- 4) Após o episódio da gigante Evergrande, que sacudiu o setor imobiliário do país, o governo local decidiu “testar” o setor com a criação do imposto imobiliário pelo prazo de 5 anos.



Com relação as projeções de indicadores, reproduzimos aqui aquilo que o último Boletim Focus trouxe no final de outubro. São eles:

INDICADORES	dez/21
PIB	4,94%
IPCA	9,17%
IGPM	18,28%
Selic	9,25%
Dólar	R\$ 5,50

E assim, chegada a hora de finalizarmos mais uma Carta Mensal, onde procuramos trazer um “apanhado” de informações que de alguma forma foram noticiadas nos meios.

Tudo o que aqui fora relatado teve propositalmente um “sentido figurado” para fazer algumas analogias com nosso querido país, apesar de vivermos sempre na expectativa de que o Brasil tenha enfim a tão sonhada alta médica. Deixando o lado figurado da conversa, a verdade é que o nosso país continua enfrentando um cenário difícil, de incertezas das mais variadas. Ainda que o cenário de uma vacinação mais ampla, com melhora nos números da pandemia, traga mais luz a todos, isso por si só não será suficiente para catapultar o setor de serviços e da indústria,. Ainda mais considerando o cenário atual de inflação alta e elevação da taxa de juros. E como sabemos há algum tempo, a polarização formada para as eleições de 2022 traz consigo “ingredientes indigestos”, ficando até difícil mapeá-los. Mas independente disso tudo, temos que prosseguir e olhar adiante.

E como um dia disse Soren Kierkegaard²: “A vida até pode ser compreendida olhando para trás, mas só pode ser vivida, olhando para frente”. Que possamos seguir assim!

Até breve e obrigado por sua leitura!



² **Soren Kierkegaard**: Filósofo, teólogo e poeta dinamarquês, considerando o primeiro filósofo existencialista; Viveu entre maio de 1813 e novembro de 1855.

O Brave I é um Fundo de Investimento de Multimercado que investe majoritariamente em FIDCs, especificamente em cotas Sêniores e Mezaninos.

O Fundo rendeu 0,76% no mês ou 159% CDI, o que representa CDI + 3,58%a.a.. O Brave I superou o seu benchmark (100% do CDI) em todos os meses desde o seu início, acumulando uma rentabilidade nominal de 10,65% (200% do CDI). No ano o fundo já acumula alta de 5,88% (195% do CDI). O Patrimônio Líquido (PL) aumentou no mês aproximadamente R\$ 7,7 milhões, fechando com R\$ 141,6 milhões.

Buscando incrementar a rentabilidade do Fundo, aplicou-se aproximadamente R\$ 16,9 milhões em 5 ativos diferentes, cuja rentabilidade média ponderada é de CDI + 4,61% a.a.. A carteira fechou o mês com 23 ativos e com uma posição mantida em caixa em 3,5% e o índice de liquidez (%PL em até 90 dias) em 58,3%.

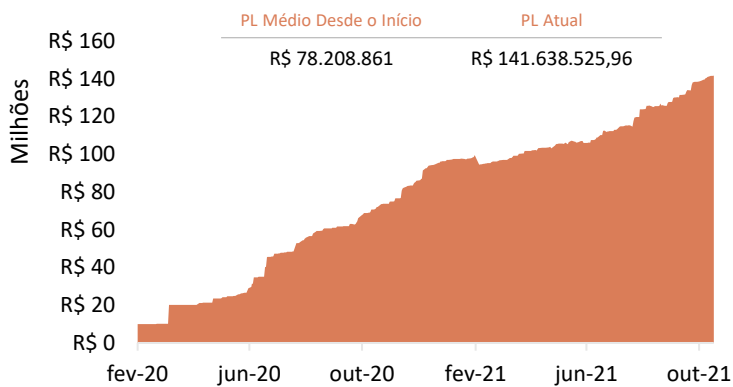
O fundo continua com a estratégia de investir em FIDCs de recebíveis do agronegócio, recebíveis corporativos e operações de consignados INSS. A carteira está alocada 74% em cotas Sêniores e 22% em cotas Mezaninos, resultando em uma subordinação média ponderada de 44,3% da carteira total, sendo esta uma boa margem de proteção aos ativos investidos.

Por fim, a tendência de alta da taxa Selic (previsão Boletim Focus para o fechamento de 2021 é de 9,25% a.a.) é algo que não oferece muitos riscos ao fundo, pois os ativos por ele investido possuem, em sua maioria, a rentabilidade atrelada ao CDI +. Dessa forma, a tendência é que com a subida da taxa Selic, suba também a rentabilidade nominal do Brave I.

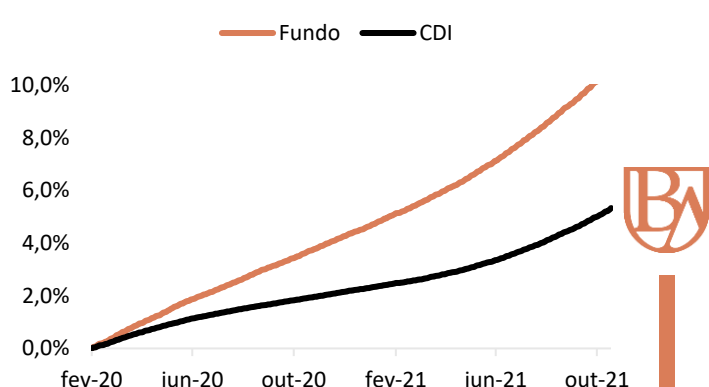
EVOLUÇÃO DA RENTABILIDADE ACUMULADA vs %CDI

		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	Início.
2020	Fundo	-	0,25%	0,53%	0,46%	0,45%	0,38%	0,41%	0,40%	0,37%	0,40%	0,37%	0,40%	4,51%	4,51%
	% CDI	-	154%	156%	160%	189%	181%	209%	249%	234%	255%	251%	246%	201%	201%
2021	Fundo	0,40%	0,36%	0,49%	0,46%	0,54%	0,59%	0,66%	0,73%	0,74%	0,76%			5,88%	10,65%
	% CDI	265%	267%	248%	221%	203%	194%	185%	173%	168%	157%			195%	200%

EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO



RENTABILIDADE ACUMULADA x CDI



INDICADORES

PL (R\$)	141.638.526
Volatilidade	0,100%
Ind. Sharpe	53,0297
Índice de Liquidez	58,3%



O Brave II é um Fundo de Investimentos Multimercado de Crédito Privado. Sua estratégia é investir em FIDCs, em cotas Subordinadas Jr., Mezaninos e Sêniores, além de outros ativos de crédito.

O Fundo rendeu 0,82% no mês ou 168% do CDI, o que representa CDI + 4,21% a.a.. Quanto ao desempenho desde o início do fundo, este foi de 15,88% (310% do CDI), superando o seu benchmark (100% do CDI) em todos os meses desde o seu início. O Patrimônio Líquido (PL) aumentou aproximadamente R\$ 4,1 milhões, fechando o mês com R\$ 79,1 milhões.

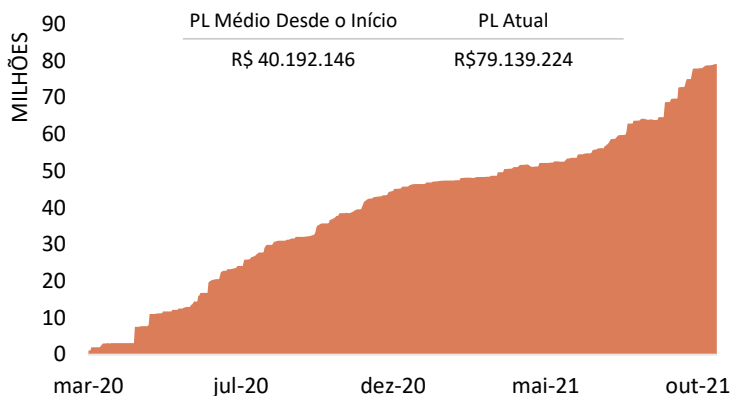
Ressalta-se que a rentabilidade do Fundo foi positivamente influenciada pelo bom desempenho das cotas subordinadas investidas (5 no total) pelo Brave II, dado que estas registraram uma rentabilidade média ponderada de aproximadamente 450% do CDI (CDI +15,61% a.a.). A carteira ainda é composta por mais 24 ativos. Destaca-se ainda que ao longo do referido mês, na média, a posição mantida em caixa foi de 8,06% do PL e o indicador de liquidez (%PL em 180 dias) se manteve em bons níveis, fechando o mês em 60,4%.

A carteira do fundo está alocada 36% em cotas Sêniores, 41% em cotas Mezaninos, 16% em cotas Subordinadas, 1% em CRA e 6% em Caixa. Sua estratégia é voltada para o investimento em FIDCs de recebíveis do agronegócio, recebíveis corporativos e operações de consignados INSS.

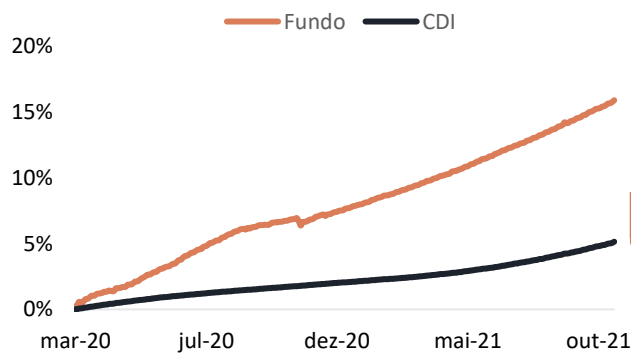
EVOLUÇÃO DA RENTABILIDADE ACUMULADA vs %CDI

		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	Início.
2020	Fundo	-	-	1,25%	0,63%	0,92%	1,03%	1,11%	0,88%	0,44%	0,39%	0,22%	0,55%	7,67%	7,67%
	% CDI	-	-	371%	221%	390%	484%	569%	549%	282%	249%	149%	334%	371%	371%
2021	Fundo	0,60%	0,56%	0,72%	0,71%	0,72%	0,81%	0,75%	0,85%	0,85%	0,82%			7,62%	15,88%
	% CDI	400%	414%	365%	341%	270%	264%	210%	201%	194%	168%			254%	309%

EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO



RENTABILIDADE ACUMULADA x CDI



INDICADORES

PL (R\$)	79.139.224
Volatilidade	0,53%
Ind. Sharpe	20,21
Índice de Liquidez	60,4%

O Brave III é um Fundo de Investimento de Multimercado que investe majoritariamente em FIDCs, especificamente em cotas Sêniores.

O Fundo rendeu 0,65% no mês ou 136% CDI, o que representa CDI + 2,2% a.a.. O Brave III superou o seu benchmark (100% do CDI) em todos os meses desde o seu início, acumulando uma rentabilidade nominal de 3,50% (149% do CDI). No ano o fundo já acumula alta de 3,50% (149% do CDI). O Patrimônio Líquido (PL) aumentou no mês aproximadamente R\$ 26,5 milhões, fechando com R\$ 105,7 milhões.

Buscando incrementar a rentabilidade do Fundo, aplicou-se aproximadamente R\$ 19,7 milhões em 6 ativos diferentes, cuja rentabilidade média ponderada é de CDI + 4,3% a.a.. A carteira fechou o mês com 16 ativos e com uma posição mantida em caixa em 33,4% e o índice de liquidez (%PL em até 30 dias) em 74,6%.

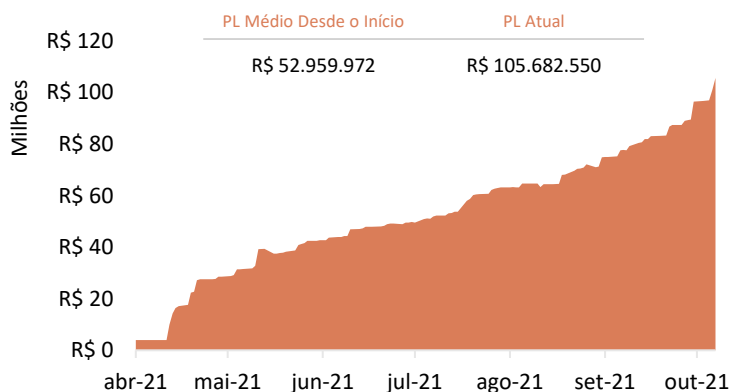
O fundo continua com a estratégia de investir em FIDCs de recebíveis do agronegócio, recebíveis corporativos e operações de consignados INSS. A carteira está alocada 67% em cotas Sêniores e 33% em caixa, resultando em uma subordinação média ponderada de 55,50% da carteira total, sendo esta uma boa margem de proteção aos ativos investidos.

Por fim, a tendência de alta da taxa Selic (previsão Boletim Focus para o fechamento de 2021 é de 9,25% a.a.) é algo que não oferece muitos riscos ao fundo, pois os ativos por ele investido possuem, em sua maioria, a rentabilidade atrelada ao CDI +. Dessa forma, a tendência é que com a subida da taxa Selic, suba também a rentabilidade nominal do Brave III.

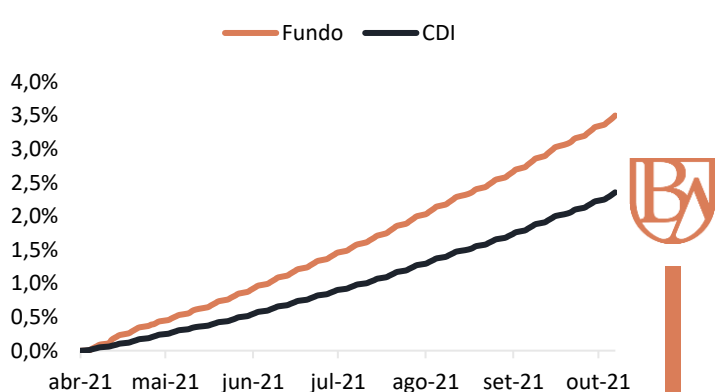
EVOLUÇÃO DA RENTABILIDADE ACUMULADA vs %CDI

		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	Início.
2021	Fundo	-	-	-	0,09%	0,46%	0,48%	0,54%	0,61%	0,61%	0,65%			3,50%	3,50%
	% CDI	-	-	-	177%	173%	159%	151%	144%	140%	134%			149%	149%

EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO



RENTABILIDADE ACUMULADA x CDI



INDICADORES

PL (R\$)	105.682.550
Volatilidade	0,088%
Ind. Sharpe	12,9700
Índice de Liquidez	74,6%



DISCLAIMER

I - Este material não se configura um relatório de análise, conforme a definição da Instrução nº 598/2018 da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), tampouco uma consultoria de valores mobiliários, conforme a definição da Instrução CVM nº 592/2017.

II - Esta mensagem tem conteúdo meramente informativo, não devendo, portanto, ser interpretada como um texto, recomendação de investimento, relatório de acompanhamento, estudo ou análise sobre valores mobiliários e seus emissores que possam auxiliar ou influenciar investidores no processo de tomada de decisão de investimento.

III - Investimentos ou aplicações em títulos e valores mobiliários envolvem riscos, podendo implicar, conforme o caso, na perda parcial ou integral do capital investido ou ainda na necessidade de aporte suplementar de recursos.

IV - A presente publicação e todos seus elementos literais e gráfico constituem uma obra autoral protegida, estando os direitos sobre a mesma reservados.

V - A Brave Asset não será responsável por perdas diretas, indiretas ou lucros cessantes decorrentes da utilização deste material para quaisquer finalidades.

VI - Quaisquer referências e rentabilidades passadas não significam de qualquer forma a garantia ou previsibilidade de rentabilidades futuras.

VII - O Investimento em fundos não é garantido pelo administrador, pelo gestor, por qualquer mecanismo de seguro ou pelo Fundo Garantidor de Crédito – FGC. Este material não deve ser considerado a única fonte de informação para embasar qualquer decisão de investimento. Dentre outras fontes, ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do Regulamento, do Formulário de Informações Complementares e da Lâmina de Informações Essenciais, se houver, antes de Investir.

VIII - As opiniões expressas neste material podem ser alteradas sem prévio comunicado e não constituem oferta de compra ou de venda de títulos ou valores mobiliários ou de instrumentos financeiros de qualquer espécie. Por conseguinte, a Brave Asset se isenta de toda e qualquer responsabilidade por eventuais prejuízos decorrentes de decisões tomadas por investidores com base no conteúdo deste material. Para mais informações, acesse: www.braveasset.com.br



2020



Brave Gestora de Recursos Ltda.

Itaim Bibi – SP | Rua Bandeira Paulista, 275, CJ 111

www.braveasset.com.br

Fone: +55 11 2330 0130

Contato: ri@braveasset.com.br

